

NOVOS RUMOS NA EDUCAÇÃO EM BIBLIOTECONOMIA; a experiência norte-americana

GUY GARRISON

Dean (Decano)
College of Information Studies
Drexel University
Philadelphia, PA.
USA

Dá um histórico, posição atual e perspectivas de desenvolvimento para a Biblioteconomia nos Estados Unidos. Tece comentários sobre fatos e problemas recentes enfrentados pela profissão naquele país e sugere soluções baseadas na modernização da profissão dentro de um contexto mais amplo de ciência da informação.

1. ANTECEDENTES

Com o intuito de melhor ilustrar a atual situação da educação em Biblioteconomia nos Estados Unidos, poderá ser útil descrever, em poucas linhas, a sua história.

Já é do conhecimento geral que o primeiro curso de Biblioteconomia nos Estados Unidos foi o da escola de Biblioteconomia fundada por Melvil Dewey, na Universidade de Columbia, em Nova Iorque, em 1887, e posteriormente levado para a Biblioteca do Estado de Nova Iorque, em Albany, em 1889. Em 1926 o curso voltou para a Universidade de Columbia, onde se integrou ao programa que havia sido implantado pela Biblioteca Pública da Nova Iorque. Aquele primeiro curso, e os outros estabelecidos conforme seu modelo durante a década final do século XIX (Pratt, Drexel, Illinois), seguiram essencialmente um modelo de treinamento vocacional ou técnico, embora fossem matriculadas não apenas pessoas que tinham completado o segundo grau, mas também diplomadas em cursos de nível superior.

*Este trabalho é uma versão ampliada de uma palestra proferida perante várias platéias durante a visita do autor ao Brasil, de 23 de outubro a 12 de novembro de 1983.

Tradução de Daniel Francis Sullivan.

Mas foi até 1923, após a publicação do importante livro de Charles C. Williamson, *Training for Library Service* (Treinamento para o Serviço de Biblioteca), que profundas mudanças se realizaram nesses cursos. Na época da obra de Williamson, quase a metade dos cursos se localizava nas grandes bibliotecas, e a outra metade pertencia às universidades e faculdades.

A reação positiva em relação às recomendações de Williamson foi imediatamente evidenciada. A afluente década de 60 forneceu o ambiente perfeito para que a escola profissionalizante vinculada à universidade, e conferindo um diploma superior, se tornasse a norma. Durante o mesmo período, a Associação Americana de Bibliotecários, seguindo o exemplo de outras organizações profissionais, constituiu-se como órgão com a responsabilidade e a autoridade de aprovar programas educacionais. É interessante mencionar que nos Estados Unidos, ao contrário dos outros países onde a educação superior possui uma estrutura mais centralizada, são as organizações profissionais que credenciam os programas de capacitação profissional, através de um sistema voluntário de credenciamento.

Gradativamente, todo o treinamento para a profissão de bibliotecário foi colocado a nível de universidade. O grau conferido foi o B.L.S. (Bacharel em Biblioteconomia), conferido após um quinto ano de capacitação profissional e baseado no programa normal de quatro anos para o grau de bacharel. Esse treinamento a nível de graduação, onde existia, foi principalmente encontrado nas faculdades de educação e era dirigido à formação de bibliotecários escolares.

A segunda grande mudança na estrutura de formação em Biblioteconomia ocorreu entre 1948 e 1952, quando quase que unanimemente, todas as escolas reorganizaram seus programas de B.L.S. e os converteram em programas de pós-graduação (M.L.S. — Mestrado em Biblioteconomia), com a inclusão de um currículo mínimo, com mais ênfase nas pesquisas e a inclusão de uma tese como exigência.

A tendência, em todo este processo de desenvolvimento, desde os anos 20 até os anos 50, foi de remover a formação em Biblioteconomia no âmbito de treinamento através da prática e de colocá-la sob a direção das universidades, com a inferência de que a Biblioteconomia era, ou viria a ser, uma verdadeira profissão, e de que somente nas universidades poder-se-ia formar um grupo de especialistas capazes de fazer as pesquisas que consequentemente serviriam como apoio à prática.

A Biblioteconomia não foi a única disciplina, de fato, que se dirigiu em direção à afiliação com a universidade. As escolas profissionalizantes vinculadas às universidades tornaram-se a norma em áreas como jornalismo, administração de empresas, assistência social, educação, odontologia, saúde pública, enfermagem, engenharia florestal, farmácia e administração pública, entre outras.

2. A ERA DE EXPANSÃO

Os anos pós-guerra, que testemunharam a consolidação da formação em Biblioteconomia a nível de M.S.L., também viram uma considerável expansão no conteúdo do currículo, especialmente na medida em que a área de documentação cresceu em importância e a responsabilidade dos bibliotecários aumentou muito, para abranger uma ampla gama de serviços e materiais audiovisuais.

A década de 60 foi um período de expansão na educação superior e nos serviços bibliotecários, impulsionado pela política governamental, que alocou bilhões de dólares em recursos federais à disposição da educação e programas relacionados com obras sociais durante os governos de John F. Kennedy e Lyndon B. Johnson. Naquele período muitas bibliotecas foram construídas ou ampliadas, e milhares de bibliotecas escolares foram implantadas, de acordo com a política que exigia uma biblioteca em cada escola.

Em 1965, um estudo nacional das necessidades de bibliotecas foi realizado pela Associação Americana de Bibliotecários, estudo este que postulou a necessidade de mais 100.000 novos bibliotecários, baseando sua previsão ambiciosa no pressuposto de que todas as bibliotecas poderiam e deveriam funcionar conforme os padrões determinados pela profissão.

Os educadores da área de Biblioteconomia reagiram expandindo a capacidade dos programas existentes a nível de pós-graduação. A associação de classe, prudentemente ou não, apoiou a proliferação de cursos, dando sua aprovação para muitos novos programas. Entre 1960 e 1975, o número de cursos credenciados duplicou de 30 para 60. A Biblioteconomia parecia oferecer oportunidades ilimitadas de emprego. As vagas no mercado de trabalho foram inúmeras, e a maioria das escolas não tinha nem espaço nem professores suficientes para atender a todos os candidatos que queriam entrar nos cursos.

Durante a década de 60 as escolas mais agressivas expandiram suas instalações substancialmente, e muitas dispunham de recursos para construir novos prédios para substituir as velhas repartições que muitas vezes foram compartilhadas com outros departamentos da universidade, nos anos anteriores.

Um outro aspecto da década afluente dos anos 60 foi a expansão dos programas de doutorado e a implantação de novos programas de doutorado, em parte como uma tentativa de atender à necessidade de mais docentes para os cursos já em crescimento, e em parte como uma reação à crescente profissionalização na área de Biblioteconomia, junto com o desejo de muitas grandes bibliotecas, principalmente as bibliotecas acadêmicas, de serem dotadas de uma equipe academicamente qualificada a nível dos outros membros do corpo docente. Em 1972, nada menos que 19 cursos de Biblioteconomia estavam oferecendo o grau de doutorado, embora alguns programas fossem inadequados. A política federal apoiou todo esse desenvolvimento através de bolsas de estudos para o doutorado, numa área designada pelo governo como prioritária.

Entretanto, em 1972 a economia global dos EUA começou a sofrer algumas mudanças radicais, como no mundo ocidental em geral. À inflação ocasionada pela guerra no Vietnã, e após a guerra acompanhada por uma recessão econômica, resultando em um declínio de recursos disponíveis para a expansão de bibliotecas, foi adicionada uma mudança na política federal de Washington durante os anos do governo de Richard M. Nixon (amenizada de certa forma durante os anos do governo Jimmy Carter, e depois reiniciada com vigor no governo de Ronald Reagan), que questionou qualquer papel extensivo do governo federal nas operações das bibliotecas e da educação em geral.

À medida em que os recursos diminuíram, as bibliotecas, com seus serviços considerados como sendo não-essenciais, e com público relativamente limitado, foram muitas vezes as primeiras vítimas dos cortes nas verbas. Os problemas econômicos que afligiram o país a partir de 1975 ocasionaram um impacto enorme nas bibliotecas, e consequentemente nos cursos de Biblioteconomia.

Além dos problemas gerais que afetaram a economia e que resultaram numa redução de recursos financeiros, ocasionando uma competição generalizada em busca de verbas, houve outras tendências sociais de grande impacto, muitas vezes não antecipadas, afetando as bibliotecas. O crescimento da população juvenil nos anos de 50 e 60, que resultou num aumento acelerado de bibliotecas escolares, públicas e acadêmicas, começou a mostrar sinais de estabilização. As estatísticas demográficas não demonstraram nenhuma tendência no sentido de uma repetição da explosão demográfica, pelo menos por algumas décadas, assim diminuindo as necessidades de expansão semelhantes àquelas da década de 60. Os prédios escolares supérfluos começaram a ser fechados, havia excesso de professores e o uso da biblioteca diminuiu.

A grande demanda por serviços bibliotecários, ocasionada pela explosão populacional suburbana durante as décadas de 50 e 60 e pelas mudanças na composição da população nos centros urbanos, com suas novas demandas não tradicionais, começou a diminuir. Os cortes nos orçamentos e na utilização das bibliotecas preocuparam a profissão em geral, e as matrículas nos cursos de Biblioteconomia decaíram.

Há mais ou menos dez anos vem surgindo um amplo questionamento sobre a razão de ser de todo tipo de serviço bibliotecário. Essa incerteza tem sido refletida nos cursos profissionalizantes, através de um questionamento semelhante sobre a missão e o papel de educação em Biblioteconomia.

O que acontecerá com as grandes bibliotecas públicas metropolitanas face às mudanças decorrentes das necessidades dos usuários e dos reduzidos recursos orçamentários? O que acontecerá com o desenvolvimento verificado até agora nas bibliotecas escolares, em consequência da queda da população juvenil e da falta de recursos financeiros? Será que as bibliotecas convencionais continuarão servindo às necessidades crescentes de informação por parte das empresas, indústrias,

GUY GARRISON

comércio e das profissões, ou será que outras instituições, fora do setor público, assumirão esse papel? Poderão as bibliotecas se manter atualizadas em relação às inovações da tecnologia de informação, ou será essa resposta tão insignificante e tão tardia que outras entidades e grupos alcançarão a maior parte desse importante mercado de informação?

A educação em Biblioteconomia está passando por um período de mudanças profundas nos Estados Unidos. É óbvio que tais mudanças são resultantes não sómente de uma década de crescimento lento, mas vêm se desenvolvendo há algum tempo. As três principais tendências são as seguintes:

1. uma modificação do enfoque na educação em Biblioteconomia, dando menos ênfase ao documento, principalmente o documento impresso, e mais atenção ao usuário e suas necessidades de informação, seja qual for o formato;
2. a incorporação, à Biblioteconomia tradicional, das técnicas de documentação e da ciência de informação, levando inevitavelmente à conscientização de que a classe a ser atendida pelos cursos de Biblioteconomia é a dos profissionais em informação, e não apenas a dos bibliotecários, que constituem somente uma parte do todo (e, talvez, uma parte cada vez menor);
3. a influência cada vez mais penetrante da tecnologia de informação na operação de bibliotecas, e a necessidade de incluir a tecnologia de informática e comunicações em todos os níveis de treinamento. Os serviços técnicos compartilhados através de redes eletrônicas, os sistemas de circulação computarizados, a recuperação de informações *on-line* e a utilização de microcomputadores deverão se tornar aspectos rotineiros de treinamento em qualquer curso que queira avançar, nos dias de hoje.

3. REAÇÕES NA DÉCADA DE 80

Sem querer assumir o papel de um alarmista, posso dizer que muitos profissionais acham que os nossos cursos de Biblioteconomia estão passando por um período de crise. As universidades estão imersas em crises financeiras há dez anos, recuperando-se da expansão vertiginosa da década de 60. Uma maneira pela qual uma universidade pode enfrentar os problemas financeiros é cortar recursos em todos os seus programas. Uma outra saída consiste em um recuo seletivo, reduzindo ou até eliminando os departamentos mais fracos.

Os cursos de Biblioteconomia, sendo relativamente pequenos em comparação com as outras unidades acadêmicas num *campus* universitário típico, poderão vir a ser alvos convenientes para uma redução de custos ou para uma eliminação definitiva. Os administradores universitários nos Estados Unidos tendem a apoiar os programas que: 1) atraem grande número de alunos; 2) sejam auto-suficientes através de verbas e programas para a pesquisa; 3) dêem prestígio à universidade, tendo em vista a qualidade do corpo docente, que desenvolve um trabalho importante; e 4) tenham uma clientela grande e ativa.

O principal motivo de preocupação sobre o futuro dos cursos de Biblioteconomia é o de que o número de alunos tem diminuído de uma maneira drástica. Durante a década passada houve um declínio de 40% no número de diplomas conferidos. Isto é um resultado direto da situação do mercado de trabalho daqueles anos. A demanda decrescente de bibliotecários, que se tornou evidente a partir de 1974 nos Estados Unidos, ainda não se recuperou. Ainda que a situação melhore — o que está acontecendo atualmente, em conjunto com a recuperação econômica —, o processo será realmente lento. Haverá, provavelmente, uma demora de vários anos até que as matrículas começem a subir de novo.

Mesmo com o declínio marcante do número de alunos e de diplomas conferidos — um fato bem compreensível devido à recessão no mercado durante os anos recentes —, o índice de mortalidade dos cursos tem sido relativamente baixo até agora. São poucos os que não concordam com a idéia de que o número de cursos foi demasiadamente grande, e que, em princípio, o encerramento de alguns cursos não é tão mal, contanto que desapareçam os fracos, e não os melhores cursos.

Embora os nomes dos cursos que foram extintos não tenham muito significado para os leitores brasileiros, talvez seja útil mencionar alguns deles, para dar uma idéia do que aconteceu.

O primeiro programa a terminar foi o da Universidade de Oregon, um programa iniciado nos anos 60 e que não conseguiu consolidar-se durante seus 25 anos de funcionamento. O curso da Universidade Estadual de Nova Iorque, em Geneseo, suspendeu suas operações quando essa unidade do gigantesco sistema estadual de ensino superior foi obrigado a cortar alguns cursos. Muitos pensavam que o Estado de Nova Iorque possuía um excesso de programas em Biblioteconomia e que a perda, neste caso, em última análise, não foi tão grave.

O programa da Universidade de Mississippi, fundado há menos de dez anos, naquele estado sulista tradicionalmente pobre, fechou as portas em dezembro de 1983. Um outro curso no mesmo estado, na Universidade do Mississippi do Sul, também fundado há poucos anos, continua a atender às necessidades nesta área. Enquanto isso, o programa da Universidade Agrícola e Mecânica de Alabama, também implantado na década de 70, sobreviveu menos de uma década.

O programa da Universidade de Minnesota suspendeu a admissão de novos alunos a partir de 1983, à espera de um estudo interno visando possíveis direcionamentos para o curso. Mas o encerramento do curso foi anunciado em junho de 1985. Esse curso, pequeno mas considerado bom, foi vulnerável porque era um pequeno departamento dentro da Faculdade de Ciências e Letras e não tinha o *status* de uma escola profissionalizante autônoma.

Na Universidade de Missouri o programa em Biblioteconomia estava para fechar em 1983, mas foi salvo graças aos esforços do seu corpo docente e dos ex-alunos, que montaram uma campanha de propaganda, conseguindo o apoio de polí-

ticos de influência, os quais, por sua vez, pressionaram os administradores da universidade.

Além dos cursos fechados ou quase fechados, acima citados, houve vários outros casos em que os cursos passaram por crises tão severas que seu *status* de cursos oficiais foi questionado e, em alguns casos, retirado.

Dois cursos no Estado de Michigan, os da Universidade Estadual de Wayne e da Universidade de West Michigan, foram atingidos com cortes orçamentários e no seu quadro de pessoal, e seu credenciamento acabou sendo cancelado pela A.L.A. Os dois cursos agora estão prestes a fechar.

Um dos acontecimentos mais surpreendentes, no início de 1984, foi a notícia de que o programa em Biblioteconomia da Case Western Reserve estava sendo extinto. Essa escola já havia formado muitos bibliotecários brasileiros e estava na vanguarda da pesquisa durante o período pós-guerra. O anúncio do fechamento proposto (devido à falta de matrículas e ao crescente déficit financeiro) foi motivo para uma onda de protestos dentro e fora da universidade e, em consequência, uma comissão composta de membros do corpo docente foi nomeada para estudar o assunto.

Igualmente assustadora para a profissão foi a ameaça, em 1983, de que a Escola de Biblioteconomia da Universidade de Columbia estava correndo perigo de ser eliminada. Essa providência foi, aparentemente, considerada pela administração da universidade, mas uma afirmação do decano da universidade, em 1984, indicou que a ameaça fora superada.

Menos relacionadas com ameaças diretas de fechamento, mas ainda indicativas, em muitos casos, de problemas internos e de pressões partindo da administração universitária, visando um melhoramento dos cursos, são as dezenas de casos recentes nos quais novos decanos foram nomeados para os departamentos ou estes acabaram sendo administrados por decanos substitutos ou provisórios, por prazos curtos ou prolongados. Um outro sinal de perigo para um curso é a notícia de que uma comissão interna da universidade vai avaliar ou estudar o futuro do departamento. Outrora interpretado como sendo um prelúdio de melhoramento, essa tática significa, nos dias atuais, tempos de incerteza, uma situação onde a universidade acredita que o departamento de Biblioteconomia não está evoluindo de maneira adequada.

As reações dos departamentos de Biblioteconomia às pressões econômicas e aos desafios educacionais dos anos recentes têm sido bastante variadas, embora seja possível identificar algumas tendências:

1. A mudança mais evidente está relacionada aos cursos que mudaram seus nomes, reconhecendo a realidade de muitos anos dentro dos programas. Atualmente, são poucos os cursos que não incluem a palavra **informação** como parte do título do curso. Há dez anos apenas alguns poucos cursos tinham o título de Escola de Biblioteconomia e Ciência da Informação. Hoje em dia este termo é

a norma, enquanto a utilização de termos como **Gerência de Informação**, **Estudos Informacionais**, **Sistemas de Informação** estão se tornando mais comuns. A próxima onda provavelmente eliminará a palavra **biblioteca** dos títulos dos cursos, pelo simples motivo de que as bibliotecas e a Biblioteconomia agora fazem somente parte do currículo. A Universidade de Syracuse foi a primeira a mudar, em 1975, com sua Escola de Estudos em Informação. Em setembro de 1983, a Universidade de Drexel rebatizou sua antiga Escola de Biblioteconomia e Ciência de Informação como Faculdade de Estudos Informacionais, e, ao mesmo tempo, implantou um curso de graduação, além do atual curso de pós-graduação.

A mudança de nomes de cursos, apesar da pressa e, em alguns casos, da arbitrariedade da escolha, indica uma reorientação importante na filosofia, no que se refere ao escopo do currículo e às finalidades da educação. Revela, também, um novo nível de agressividade por parte dos cursos. Em vez de ficar inertes e mudos, enquanto os outros cursos acadêmicos, tais como a ciência da computação, a administração de empresas, engenharia ou comunicação se expandem para novas áreas de tecnologia de informação e gerência de informação, os departamentos de Biblioteconomia estão começando a reivindicar áreas onde têm o direito de entrar, assim como os outros departamentos.

2. Outros departamentos já tomaram providências no sentido de preservar os níveis numéricos de alunos e de evitar quaisquer providências da parte da administração universitária visando cortes de recursos. Para isso esses cursos utilizam meios dispendiosos de propaganda e *marketing*. Pode parecer estranho às pessoas das universidades de outros países que os cursos, nas universidades norte-americanas, estejam apelando às técnicas de publicidade para melhorar sua reputação externa e sua capacidade de atrair alunos. A tradição de que as universidades não deveriam fazer propaganda foi uma filosofia de vinte anos atrás, mas os tempos mudam. É raro o exemplo de uma universidade que sobrevive sem um esforço ativo de relações públicas.

Enquanto a Faculdade de Estudos Informacionais da Universidade de Drexel provavelmente não seja representativa, é interessante notar que gastamos mais de US\$ 3.000 por ano em anúncios nos jornais, rádio e em cartazes e publicidade através da mala direta para uma variedade de populações-alvo, desde os diplomandos e departamentos selecionados até bibliotecas e agências de informação em nossa região.

3. Um outro rumo que vem sendo seguido por alguns cursos é o de estabelecer programas de cursos de atualização ou de capacitação profissional, para substituir, de alguma forma, a perda de alunos dos cursos regulares. A necessidade deste tipo de educação nunca foi questionada e há um impressionante número de instituições fora do âmbito universitário que oferecem cursos desse cunho. As universidades estão sendo convencidas gradativamente de que o aluno espe-

cial, que não é matriculado para obter um diploma, constitui uma boa fonte de recursos financeiros, e muitas universidades mantêm equipes de pessoal somente para prestar assistência aos departamentos que querem se expandir nessa direção.

4. A diversificação do currículo, no sentido de atender às necessidades de capacitação de pessoal nos setores da economia, além do mercado tradicional da biblioteca, é uma outra tendência importante, que emergiu durante a década passada. Mais uma vez seria um equívoco considerar esta tendência como sendo simplesmente uma reação em resposta ao declínio no número de matrículas. De fato, a tendência foi aparente por alguns anos, mas a estagnação do mercado de trabalho para diplomados nas áreas tradicionais de bibliotecas públicas, acadêmicas, escolares e especializadas deu um enfoque mais nítido ao fato de que uma proporção crescente de diplomados (atualmente pelo menos um terço na Universidade de Drexel) estão sendo contratados para cargos relacionados com a informação, mas que não têm nada a ver com bibliotecas como tais. A indústria de informação, com sua sempre crescente necessidade de pessoal capacitado, está começando a contemplar os departamentos de Biblioteconomia como uma fonte viável de pessoal e não está recrutando pessoal somente nos cursos de M.B.A. (Mestrado em Administração de Empresas) como a única avenida de entrada numa carreira no mundo dos negócios.

Não gostaria de deixar a impressão de que os departamentos de Biblioteconomia, nos Estados Unidos, estão atualmente em apuros, que estão enfrentando fechamentos em massa, ou que estão abandonando as bibliotecas tradicionais em busca de mercados mais novos e mais confiáveis para os formandos. De fato, estamos assistindo a uma transformação, e alguns dos departamentos mais fracos, que não têm os meios de almejar um forte apoio da universidade no sentido de realizar as mudanças necessárias, não sobreviverão na década de 80. Os melhores cursos, dotados de pessoal otimista e entusiástico, vão sobreviver e florescer. Ainda devem aceitar a responsabilidade de assegurar a própria estabilidade financeira através de contratos de pesquisa e de esforços educacionais fora do âmbito tradicional do nível superior. Devem, também, agir sem medir os esforços para cultivar laços mais estreitos com todos os usuários que dependem deles. Se houver menos cursos de Biblioteconomia daqui para frente, há de se esperar que aqueles que ficarem serão maiores, melhores e mais diversificados.

É lamentável que o desbastamento atualmente am andamento parece ser basicamente proveniente de forças do mercado, como a queda no número de matrículas ou nas oportunidades de carreira para os recém-formados, em vez de ser relacionado com a qualidade dos cursos. Entretanto, num país como os Estados Unidos, onde a estrutura da educação superior não é centralizada, e onde as universidades públicas e privadas existem, não há outra maneira de economizar a não ser pela própria decisão de cada universidade.

Os desafios na área de formação em Biblioteconomia e Ciência da Informação nesta década de 80 são muitos: os cursos devem ser abertos à tecnologia de informação, expandir seus esforços no campo de pesquisas, diversificar seus currículos para atender às necessidades de muitos usuários especializados, conviver com a indústria de informação e suas necessidades de treinamento, e recrutar alunos comprometidos. A Biblioteconomia, como uma carreira que se encontra na encruzilhada da comunicação e informação, gozará uma expansão tremenda, se agirmos com astúcia.

4. PREVISÕES PARA A DÉCADA DE 80

A conclusão deste trabalho consistirá em algumas observações sucintas a respeito das principais tendências que estão afetando a educação em Biblioteconomia, atualmente e para o futuro próximo.

Algumas destas são realmente previsões, enquanto outras talvez seriam melhor consideradas como desejos. De qualquer forma, elas aqui:

1. Tecnologia no currículo — Não há dúvida de que a tecnologia continuará sendo o principal fator na profissão do bibliotecário/especialista em informação, e, consequentemente, no currículo. Se os bibliotecários não se apressarem em adotar as tecnologias de informática e comunicação nos métodos tradicionais de organizar, armazenar e acessar a documentação e os dados, então as bibliotecas, como as conhecemos atualmente, vão indubitablemente ceder seu lugar a instituições mais adaptáveis e inovativas, sendo estas públicas ou privadas. Assim como os cursos de Biblioteconomia absorveram as técnicas de automação nos anos 60, a busca *on-line* nos anos 70 e os microcomputadores nos anos 80, devem se manter sempre na ponta da tecnologia. O preço desta façanha se tornará um fator essencial para distinguir os melhores cursos daqueles que são meramente adequados. A aquisição de equipamentos, materiais e pessoal para acompanhar o desenvolvimento na área de tecnologia será um desafio marcante. Os departamentos que outrora reivindicavam da universidade recursos relativamente pequenos para a aquisição de equipamentos e laboratórios não poderão funcionar mais a baixo custo. Os administradores deverão exigir a cooperação de outros departamentos, no sentido de economizar para que essas novas despesas possam ser absorvidas.

2. Diversificação — Certamente, os cursos de Biblioteconomia, atualmente unidades acadêmicas separadas e pequenas, precisarão diversificar-se para crescer. A futura demanda de bibliotecários tradicionais não será suficiente para justificar a existência de cursos ou programas autônomos. A incorporação ou afiliação com outros programas acadêmicos semelhantes tornar-se-á mais comum. Um exemplo, nos Estados Unidos, é o programa da Universidade de Rutgers, que foi recentemente incorporado a uma unidade acadêmica maior, abrangendo jornalismo e comunicação. Essa integração, não muito comum nos Estados

Unidos, é mais comum entre os brasileiros. O desenvolvimento de programas de graduação vinculados aos programas de pós-graduação, ou ainda o desenvolvimento de vários programas de pós-graduação, em vez de um único curso de Biblioteconomia, poderá ser o rumo do futuro. É comum ver programas que terminam com a colação de grau tirada em conjunto com outras disciplinas. A questão predominante é se a Biblioteconomia está bastante forte e segura de si mesma, de forma que tenha condições de abranger a crescente área de gerência de informação que ainda não conseguiu um lugar fixo na universidade.

3. Paliativos — Assim como os programas regulamentares de nível superior estão trabalhando em conjunto, visando um esforço comum para enriquecer a Biblioteconomia, haverá mais ênfase nos estágios e no uso de práticas para ligar a teoria com a prática. A necessidade de maior especialização dentro do curso regulamentar vai exigir um prolongamento desses cursos, provavelmente após uma melhora na situação econômica. Os programas de reciclagem deverão receber mais atenção. Devido à óbvia necessidade de constante atualização e reciclagem dos membros da profissão, seria um desastre se os cursos de Biblioteconomia virassem as costas a esta oportunidade de engajar-se mais profundamente nessa área.

4. Matrículas estabilizadas — Isto será alcançado de várias maneiras: através da diversificação, de novos programas, etc., mas a custo de uma possível alienação da profissão de bibliotecário em si. Os alunos atualmente matriculados nos cursos de Biblioteconomia estão fazendo uma escolha deliberada e bem informada de entrar na profissão de informação. Não encontramos mais os alunos para quem um emprego numa biblioteca serve como o último refúgio, alunos que estão querendo um diploma rápido e um emprego relativamente seguro. Os que estão se matriculando agora são mais exigentes e mais bem informados. Muitas vezes eles vêm mais oportunidades na área do que os próprios professores, que tendem, às vezes, a ser muito convencionais no seu modo de pensar.

5. O corpo docente — A influência onipresente da tecnologia de informática nas bibliotecas está mudando gradualmente a filosofia do corpo docente dos cursos de Biblioteconomia. Muitos departamentos agora incluem professores diplomados nas áreas de computação, engenharia, física, administração de empresas, etc. Esse pessoal pode ter nenhuma ou pouca experiência no trabalho de biblioteca. Os especialistas em ciência de computação ou engenharia são, muitas vezes, lentos em compreender a ênfase no usuário, que faz parte da tradição daqueles com uma formação tradicional em Biblioteconomia. Estes, por sua vez, sentem-se freqüentemente ameaçados pela orientação ao *hardware* dos engenheiros, pelo *software* dos especialistas em informática. Uma polarização entre o corpo docente pode ocasionar uma rixa entre as equipes de Ciência de Informação e de Biblioteconomia. A tensão existente no corpo docente pode facilmente atingir o corpo discente. O que se deseja é um mecanismo

Novos Rumos na Educação em Biblioteconomia . . .

capaz de integrar esses especialistas de áreas diversas em um grupo coeso de líderes intelectuais, um grupo em que os membros possam se complementar através de conhecimentos e perspectivas próprios. A constante atualização do corpo docente está se transformando em uma preocupação central nos departamentos de Biblioteconomia. Os professores com uma formação tradicional em Biblioteconomia devem se tornar mais bem informados a respeito dos aspectos tecnológicos de processamento da informação, enquanto os de formação em engenharia ou ciência de computação devem receber orientação e apreciação acerca das disciplinas tradicionais de Biblioteconomia.

6. Dois níveis de excelência — É evidente a existência de uma preocupação em relação ao processo de aprovação de cursos, o que permitiu a implantação de mais de 60 cursos durante a década de expansão dos anos 60, e que não discriminou suficientemente entre os melhores cursos e aqueles que foram meramente adequados. Dos 60 cursos que receberam alguma forma de aprovação, pode-se dizer seguramente que somente um quarto deles possui currículos capazes de passar pelo crivo de uma avaliação rigorosa, que têm programas ativos de pesquisas, que são dotados de um corpo docente de competência suficiente para abranger o escopo completo da profissão a ser atingida, ou que possuem os recursos físicos e financeiros para oferecer uma formação atualizada em tecnologia de informação. Pode-se prever que haverá uma estrutura dupla, com uma dezena de excelentes cursos com diversos programas, profundamente diferenciados da maioria, que terá somente os recursos mínimos necessários para manter seu credenciamento. Não é de todo impossível que os melhores cursos venham paulatinamente a se separar completamente do processo de credenciamento. Isso já aconteceu em outras áreas, notadamente na área de comunicação. O desafio está aí para a Associação Americana de Bibliotecários e para a recém-rebatizada Associação para a Educação em Biblioteconomia e Ciência de Informação, no sentido de propor uma maneira mais satisfatória de conceder aprovação aos cursos, de modo que reconheça a variedade existente na prática profissional, e indeferindo pedidos de aprovação para os cursos mais fracos, que não se aproximem dos padrões de excelência contemporânea.

A conjuntura atual — Se a experiência da década passada não nos ensinou nada mais, pelo menos conseguiu convencer-nos da importância de nos tornarmos conscientes de manter contatos com todos os públicos externos, que podem ser logicamente incluídos no âmbito da educação em Biblioteconomia e Ciência da Informação. É por demais fácil para o mundo acadêmico convencer a si mesmo de que a tarefa de ensino e pesquisa é tão elitizada que não exige contatos com o ambiente de suporte. Mesmo admitindo que os envolvidos num curso profissionalizante (ao contrário de uma disciplina puramente acadêmica) deveriam estar conscientes da necessidade de contatos estreitos com a área, na realidade

as pressões de trabalho freqüentemente nos convencem de que tais contatos são de pouco valor e podem ser adiados ou eliminados.

Na realidade, um programa acadêmico que não mais consegue interagir com seu ambiente já está morto. A utilidade prática de uma rede de contatos bem cultivados na área pode ser claramente constatada no apoio que pode ser mobilizado caso o programa esteja sendo ameaçado. De uma certa maneira, o êxito dos cursos norte-americanos em consolidar seu espaço dentro da estrutura universitária e em contratar um corpo docente de tamanho respeitável, formando de competentes professores em regime de tempo integral, levou esses cursos a prestar menos atenção ao ambiente profissional externo. Na minha opinião, os próximos anos testemunharão um esforço concentrado no sentido de integrar os programas acadêmicos mais estreitamente com os programas das instituições usuárias, sendo estas bibliotecas públicas, acadêmicas, escolares ou especializadas, ou ainda com aquela área atualmente amorfa, mas muito importante, chamada a indústria da informação.

Artigo recebido em 25.05.84

Tradução definitiva recebida em 31.03.86

Abstract:
Recent Trends in Education for Librarianship; The U.S. experience

Gives and historical account, present position and perspectives for the development of Librarianship in the United States.

Comments upon facts and recent problems faced by the profession in the country. Suggests solutions based on the modernization of the profession within a wider context of the Information Science.

BIBLIOGRAFIA SELECIONADA

As monografias e artigos aqui citados não podem contar a história completa dos recentes acontecimentos nos Estados Unidos, na área de educação em Biblioteconomia. Tentei incluir a maioria dos itens que foram úteis na preparação deste trabalho e que podem estar disponíveis no Brasil. A grande parte do material é de origem norte-americana. Duas citações de obras britânicas foram incluídas por motivo de sua ampla cobertura bibliográfica (McGarry) ou de sua atualidade (Cronin).

REFERÊNCIAS

- ALLEN, C. W. and LANCASTER. W. A Directed Independent Study Approach to a Foundations Course. *Journal of Education for Librarianship*, 21 (4) : 313 – 326, Spring 1981.
- ASHEIM, L. *Library School Preparation for Academic and Research Librarianship*. Washington, D.C.: Council on Library Resources, November 1983.
- BOEHM, E.H. and BUCKLAND, K. eds. *Education for Information Management: Directions for the Future*. Santa Barbara, CA: International Academy at Santa Barbara, 1983. (Papers from a conference held May 6-8, 1982).

Novos Rumos na Educação em Biblioteconomia . . .

- CONANT, R. W. *The Conant Report: A Study of the Education of Librarians*. Cambridge, MA: The MIT Press, 1980.
- CRONIN, B. *The Education of Library-Information Professionals: A Conflict of Objectives?* London, Aslib, 1982.
- DALTON, J. *Library Education and Research in Librarianship*, LIBRI, 19(3), 157 – 174, 1969.
- DANTON, J. P. *Notes on the Evaluation of Library*. *Journal of Education for Librarianship*, 24(2):106 – 116, Fall 1983.
- DARLING, R. L. and BELANGER, T. eds. *Extended Library Education Programs*. New York: Columbia University, School of Library Service, 1980. (Proceedings of a Conference Held at the School of Library Service, Columbia University, March 13-14, 1980.)
- DYER, E. and O'CONNOR, D. *Crisis in Library Education*, *Wilson Library Bulletin*, 57(10): 860 – 863, June 1983.
- ESHELMAN, W. R. *The Erosion of Library Education*, *Library Journal*, 108(13):1309 – 1312, July 1983.
- GLEAVES, E. S. *Library Education: Issues for the Eighties*. *Journal of Education for Librarianship*, 22(4):260 – 274, Spring 1982.
- HARMON, G. *On the Evolution of Information Science*. *Journal of the American Society for Information Science*, 22(4):235 – 241, July-August 1971.
- HAYES R. M. *Information Science in Librarianship*. LIBRI, 19 (3) : 216 – 236, 1969.
- Library Human Resources: A Study of Supply and Demand**. Chicago, IL: American Library Association, 1983. (Prepared by King Research, Inc., for the National Center for Education Statistics of the U.S. Department of Education.)
- MCGARRY, K. *Education for Librarianship and Information Science: A Retrospect and a Revaluation*. *Journal of Documentation*, 39(2): 95 – 122, June 1983.
- MARCO, G. *Recent Adventures of the American Core Curriculum*. *Unesco Bulletin for Libraries*, 34(4): 279 – 283, July 1978.
- OLLER, A. K. ed. *Education for Librarianship: A New Approach to the Core*. *Drexel Library Quarterly*, 10(3), July 1974. (Entire issue.)
- RAYWARD, W. B. *Conflict, Interdependence, Mediocrity: Librarians and Library Educators*. *Library Journal*, 108(13): 1313 – 1317, July 1983.
- SHERA, J. H. *The Foundations of Education For Librarianship*. New York: Wiley-Becker and Hayes, 1972.
- SHERA, J. H. & CLEVELAND, D. B. *History and Foundations of Information Science*. In *Annual Review of Information Science and Technology*, 12, 1977, 249 – 276.
- STUEART, R. D. *Great Expectations: Library and Information Science Education at the Crossroads*. *Library Journal*, 106(18): 1989 – 1992, October 15, 1981.
- SUBRAMANYAM, K. *Current Concerns in American Library Education*. *International Library Review*, 15: 299 – 305, July 1983.
- VANN, S. K. *Conant and Williamson: A Review Article*. *Library Quarterly*, 51(4):429 – 436, October 1981.
- WHITE, H. S. *Accreditation and the Pursuit of Excellence*. *Journal of Education for Librarianship*, 23(4): 253 – 263, Spring 1983.
- WHITE, H. S. *Library Education: A Strategy for the Future*. *Wilson Library Bulletin*, 56(2): 105 – 109, October 1981.
- WHITE, H. S. *Perceptions by Educators and Administrators of the Ranking of Library School Programs*. *College and Research Libraries*, 42(5): 191 – 202, May 1981.